

1 Introdução

Motivação

Há uns quatro anos, durante a graduação, tive uma disciplina chamada “Introdução aos sacramentos”, onde o professor abordou, entre outras coisas, a temática da Igreja como sacramento. Pra mim foi surpreendente por ser também uma novidade. O que eu sabia até ali era que existiam sete sacramentos somente, tal como me disseram na catequese. O tema me encantou.

De fato eu já tinha uma queda ou um gosto todo especial pela sacramentologia, chama-me muito a atenção, por exemplo, a idéia dos sinais, do mistério, da mística, dos símbolos... Não foi à toa que passei a frequentar a Igreja Católica a partir de uma bela celebração da Eucaristia que participei num domingo de Ramos: incenso, cantos, ramos... A idéia dos sinais me encantou profundamente.

E fiquei ainda mais empolgado quando descobri que a Igreja é também um sinal de Cristo neste mundo, um sacramento. Percebi que ela é muito mais que uma instituição burocrática/ humana, mas que é a própria presença continuadora da salvação de Cristo nesta vida. Isto nos dá uma consciência muito mais profunda e diferente da nossa responsabilidade e missão neste mundo. Muda a consciência que a Igreja tem de si mesma e valoriza sua presença.

O interesse pelo tema surge, portanto, como o resultado da minha própria experiência de fé, enquanto Igreja. Surge ainda do desejo de fazer com que também outros conheçam essa realidade tão importante para nós. Importante porque muda, conforme já expus, a consciência que a Igreja tem de si mesma, da sua realidade, missão e responsabilidade neste mundo. É neste sentido que pretendemos trabalhar o tema.

Breve histórico

Por muito tempo existiu na Igreja uma compreensão restritiva a respeito dos sacramentos. Essa palavra era utilizada e pronunciada unicamente com referência aos sete sacramentos ou ritos sacramentais. Entretanto, é preciso dizer que essa

restrição consiste num empobrecimento da sacramentologia. A realidade sacramental não é suficientemente expressa se reduzida ao setenário litúrgico-celebrativo. Existem outros centros de sacramentalidade que, longe de se oporem aos sete sacramentos ou diminuírem o seu valor, constituem o próprio quadro para a sua compreensão, celebração e realização na vida.

Não se trata de nenhuma novidade. Nos primeiros séculos, o termo sacramento era empregado para designar também outras realidades distintas dos sete ritos sacramentais, como Cristo, a Igreja, a Escritura, a Páscoa, a Encarnação, a Quaresma, o mundo, etc. Foi apenas através de um lento processo histórico que se chegou a uma diferenciação entre os sacramentos maiores (Batismo e Eucaristia) e os demais sacramentos, bem como entre estes e os outros sinais sagrados.

Segundo D. Boróbio, foi sobretudo a partir da controvérsia com os reformadores, na Idade Média, que a expressão passou a indicar unicamente os sete sacramentos. Para os protestantes a essência do sacramento estava na promessa por parte de Cristo e no sinal externo, que, para eles, se cumpria apenas no Batismo e na Eucaristia. Negavam explicitamente a afirmação católica da eficácia *ex- opere operato*. Isto levou a uma fixação e utilização mais restrita do conceito. Daí por diante, ele só se aplicaria às realidades que preenchem estes requisitos: instituição por parte de Cristo, estrutura de matéria e forma, eficácia, intenção por parte do ministro e disposições por parte do sujeito.

O Concílio Vaticano II utilizou a expressão em seu sentido mais original, aplicando-o a Cristo, à Igreja, e, num sentido mais difuso, ao cristão, a todo homem, às realidades criadas. Hoje, a teologia baseando-se nas fontes da revelação e no magistério da Igreja, não hesita em denominar “sacramento” também outras realidades que ultrapassam o campo do setenário sacramental. Não se trata de um simples nominalismo (nome sem conteúdo) nem de um pansacramentalismo (tudo é sacramento). Trata-se de reconhecer a essência sacramental nas diversas realidades, reconhecendo os seus elementos comuns e diferentes, de tal modo que a intercomunicação e a comparação nos revelem toda a riqueza aí encerrada ¹.

¹ Cf. BOROBIO, D. (Org.). *Organismo sacramental pleno: realidades sacramentais e dimensões de sacramento, em A celebração da Igreja*. Vol.1. São Paulo: Loyola, 1990, p. 293-294.

Problemática

Mas em que sentido a Igreja é sacramento de Cristo? O Concílio Vaticano II, motivado por alguns teólogos, recuperou da Patrística a extensão do conceito sacramento. Mas o modelo sacramental adotado pelo Concílio Vaticano II parece ter sido assimilado e transmitido pela catequese que temos recebido? Sendo sacramento, a Igreja é um prolongamento da corporeidade de Cristo sobre a terra. Para que existe esse prolongamento? Quais as implicações desse pensamento para a doutrina e para a pastoral da Igreja?

Hipóteses

Cristo é sacramento primordial da salvação, o sacramento de Deus por excelência²: “Quem me vê, vê o Pai”³. Seus atos, sua vida são a manifestação do amor divino pelos homens, sinais e causa de salvação. O Filho de Deus tornou-se verdadeiramente homem e no encontro com ele temos um encontro pessoal com o Deus vivo, pois aquele homem é, pessoalmente, o Filho de Deus. “O encontro humano com Jesus, é, pois, o sacramento de encontro com Deus”⁴.

Porém, como podemos encontrar o Senhor glorificado se após a sua ressurreição e glorificação ele desapareceu do nosso horizonte visível?

Após sua ressurreição e ascensão, “Cristo torna sua presença ativa de graça visível e palpável entre nós, não diretamente por sua corporeidade, mas prolongando, por assim dizer, sua corporeidade celeste sobre a terra, em formas de manifestação visíveis, que exercem entre nós a ação de seu corpo celeste. São precisamente os *sacramentos* o prolongamento terrestre do “corpo do Senhor”. E concretamente a Igreja”⁵.

O mistério da redenção através da corporeidade se fundamenta no próprio mistério da encarnação e da redenção cristã. Na pessoa de Cristo a corporalidade se tornou fonte de glória, redenção e santificação para nós e tornou possível o encontro humano recíproco entre Cristo e a humanidade, após a sua ascensão.

² Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Cristo, sacramento do encontro com Deus*. Petrópolis: Vozes, 1967, p.20.

³ Cf. Jo 14,9.

⁴ Cf. SCHILLEBEECKX, E., op. cit., p. 47.

⁵ Cf. Ibid., p. 48.

Neste sentido, “a Igreja terrestre é a aparição dessa realidade de salvação no plano da visibilidade histórica. Ela é a comunidade visível da graça”⁶, “manifestação visível da graça redentora de Cristo na figura de um sinal social”. “Ela é, pois, de modo quase idêntico, “o Corpo do Senhor””⁷, o “sacramento primordial”⁸ de Cristo. Nesse sentido escreve Henri De Lubac: “A Igreja é um mistério, isto é, um sacramento. Lugar total dos sacramentos cristãos, ela é ela mesma o grande sacramento que contém e vivifica todos os outros. Ela é aqui em baixo o sacramento de Jesus Cristo, como Jesus Cristo, ele mesmo, é para nós, na sua humanidade, o sacramento de Deus”⁹.

Seus atos devem, como em Jesus, encarnar a palavra do Pai e torná-la palpável aos homens pelo testemunho, pela vivência da comunhão e do amor, pela solidariedade aos mais pobres. Isto significa ser o sinal vivo da presença ativa de Cristo no mundo.

Método

Nosso ponto de partida será o livro *Cristo, Sacramento do encontro com Deus* (fonte primária), de E. Schillebeeckx, que, se baseando em testemunhos explícitos da Escritura e dos Padres da Igreja, deu uma importante contribuição à Teologia Católica ao retomar e aplicar, na modernidade, o conceito “sacramento” tal como era compreendido no início da Igreja. A leitura de Schillebeeckx nos introduz também numa das grandes perspectivas teológicas do Vaticano II, que sob a influência de Congar, Rahner e De Lubac retomou e definiu a Igreja como Sacramento na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*¹⁰.

Nosso método, portanto, consistirá no estudo de fontes que tratam do tema (livros, artigos...), bem como dos documentos conciliares e pós-conciliares que expressam a retomada dessa concepção na teologia católica atual, entre eles *Lumen Gentium e Puebla*.

⁶ Cf. *Ibid.*, p. 53.

⁷ Cf. *Ibid.*, p. 54.

⁸ Cf. *Ibid.*, p. 60.

⁹ Cf. DE LUBAC, Henri. *Méditation sur l'Eglise*. Paris: Aubier, 1968, p. 164: “L'Eglise est un mystère, c'est-à-dire, aussi bien, un sacrement. <<Lieu total des sacrements chrétiens, elle est elle-même le grand sacrement qui contient et vivifie tous les autres. Elle est ici-bas le sacrement de Jésus-Christ, Comme Jésus-Christ lui-même est pour nous, dans son humanité, le sacrement de Dieu”.

¹⁰ “A Igreja é como que sacramento isto é, sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo gênero humano [...]” Cf. CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM, n.1 em DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997.

Nosso trabalho será constituído de duas partes. Na primeira, colocaremos as bases da nossa pesquisa, os fundamentos e as definições para se compreender a Igreja. Esta primeira parte será subdividida em dois capítulos. O primeiro, antropológico: neste abordaremos a questão dos símbolos, definição, história e compreensão do conceito “sacramento” e em que sentido devem ser compreendidos os símbolos na teologia católica. O segundo, cristológico: Neste, trataremos de Cristo como sacramento revelador do Pai. Trata-se de descobrir a cristologia subjacente à questão da sacramentalidade eclesial e porque a Igreja foi escolhida como continuadora da salvação cristã para os tempos hodiernos.

A segunda parte deste trabalho consiste no centro da nossa pesquisa e também está subdividida em dois capítulos. No primeiro, faremos uma reflexão sobre a compreensão da Igreja: fundamentos, definições, imagens da Igreja na Sagrada Escritura, a Igreja de comunhão... Trata-se de uma fundamentação necessária para se chegar ao segundo capítulo, centro da nossa reflexão, a Igreja como testemunha e sacramento da salvação. Este segundo capítulo é ápice da nossa pesquisa. Nele trataremos da Igreja como o sinal social da salvação do Senhor entre nós. Também trataremos dos ritos sacramentais como expressões da sacramentalidade eclesial.

Tendo em vista a vasta bibliografia sobre o assunto e as várias possibilidades de abordagem do mesmo, vamos nos restringir àquilo que julgamos ser o mais importante e útil para a nossa pesquisa.